



A CLÍNICA PSICANALÍTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ANGÚSTIA E TRAUMA

Joaciara de Almeida Franco; MSc. Martina Indira Jesus da Silva (Orientadora).

Faculdade Ages

Psicologia, Jacobina, martina.silva@ulife.com.br

Introdução

A clínica psicanalítica, inserida no contexto de uma clínica-escola, atua como um dispositivo privilegiado para a investigação da subjetividade humana. Diferente de outras abordagens, a psicanálise opera através da escuta do inconsciente, compreendendo o sintoma não apenas como uma disfunção, mas como a "porta de entrada" para a análise e uma forma singular de o sujeito estabelecer laço social (Marcos; Oliveira Junior, 2013). O presente trabalho analisa o manejo clínico de um caso de angústia e trauma, fundamentando-se na premissa de que há uma necessidade imperativa do sujeito de ser escutado para subtrair a certeza da angústia (Harari, 1997). A relevância do estudo reside na articulação teórica sobre como o aparelho psíquico busca na repetição sintomática uma tentativa de descarga frente ao excesso pulsional traumático (Freud, 1920).

Objetivos

O presente trabalho objetiva analisar o manejo clínico de um caso de angústia e trauma.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso de caráter clínico-qualitativo e exploratório. A construção dos dados baseou-se na realização de 19 sessões de psicoterapia, que evoluíram de entrevistas semiestruturadas para a associação livre. Como procedimento complementar, utilizou-se a pesquisa documental através da análise sistemática de prontuários e registros de evolução, o que garantiu a recuperação fidedigna da historicidade dos sintomas e das intervenções. Todo o processo foi acompanhado por supervisões semanais para manejo da transferência.

Resultados

A escuta analítica do caso de uma paciente de 27 anos, marcada por ansiedade severa e um histórico de duas tentativas de suicídio na adolescência, revelou que tais sintomas operavam como repetições de traumas de desamparo e abuso não simbolizados. O retorno da ideação suicida no decorrer das sessões foi compreendido teoricamente como uma tentativa de "saída de cena" diante de uma angústia excessiva para a qual faltavam recursos simbólicos. Apesar do suporte psiquiátrico ter sido acionado como medida de proteção, a paciente optou por interromper o tratamento. Esse movimento foi interpretado como uma resistência psíquica frente à dor intensa de confrontar os conteúdos inconscientes emergentes.

Conclusões

O estudo evidenciou que os sintomas, incluindo a ideação suicida, eram respostas a um desamparo estrutural antigo. A intervenção psicanalítica, ainda que interrompida, ofereceu um espaço de contorno para esse sofrimento, validando a teoria de que o sujeito repete em ato o que não elabora em palavras. Conclui-se que o atendimento cumpriu sua função ética de acolhimento e direcionamento à rede de proteção à vida.

Bibliografia



Agradecimentos

À equipe da CIS AGES pelo suporte e cuidado.